

SIMILARIDADES E DIFERENÇAS NAS PINTURAS RUPESTRES PRÉ-HISTÓRICAS DE CONTORNO ABERTO NO PARQUE NACIONAL SERRA DA CAPIVARA - PI.

Daniela Cisneiros

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre grafismos rupestres na Área Arqueológica Serra da Capivara passaram a ser sistematizados após a década de 1970, partindo da compreensão de que os grafismos rupestres são a expressão e o resultado das escolhas temáticas, de realizações técnicas e de encenações imaginárias realizadas por determinados grupos sociais.

Considera-se aqui os grafismos rupestres como manifestação de um modo de comunicação¹ específico do Homo sapiens, que ocorre dentro de um grupo e que integra indivíduos que os decodificam ou compreendem esses códigos (Pessis, 2002). Parte desses códigos de comunicação apresentam-se hoje disponíveis à análise de forma fragmentada nos paredões rochosos dispersos por áreas ecologicamente distintas.

Para se chegar próximo às características dos grupos culturais autores desses registros, perceber e identificar os modos através dos quais esses códigos se apresentam se faz necessário analisar os registros gráficos a partir de duas perspectivas: a biológica e a social. Estas permitem não só procurar explicações sobre a origem das práticas gráficas, como também dos elementos estruturadores do grupo social.

O argumento inicial dos estudos aqui apresentados é o de se obter, a partir dos componentes técnicos, temáticos e cenográficos, os parâmetros necessários para segregar as particularidades gráficas existentes nos grafismos de contorno aberto². Procurando compreender: como e quais são os caracterizadores que os distinguem dos demais grafismos do Parque Nacional Serra da Capivara e se esses grafismos de contorno aberto possuem padrões técnicos, cenográficos e temáticos que possam caracterizar um perfil gráfico.

Na abordagem aqui proposta o interesse está em tentar reconhecer, através de algumas características dos significantes, novos padrões que remeteriam a perfis gráficos de grupos que habitaram a Área Arqueológica Serra da Capivara, a partir de fatores de similaridades e diferenças atuantes nas pinturas de contorno aberto.



As pinturas de contorno aberto não são dominantes na Área Arqueológica da Serra da Capivara quando comparadas às de contorno fechado, no entanto, ocorre nessa área uma concentração das mesmas, fator não comum em outras áreas arqueológicas no Nordeste do Brasil.

DA HISTORIOGRAFIA AOS CONCEITOS

A historiografia sobre os grafismos rupestres nos apresenta um caminho longo entre as primeiras interpretações desligadas do contexto arqueológico e os primeiros passos para uma investigação contextualizada com os demais setores da cultura material de grupos pré-históricos.

Os estudos sobre grafismos rupestres observados à luz da história da Arqueologia estão pautados numa relação entre o desenvolvimento das idéias, o desenvolvimento dos métodos de investigação e o acúmulo de descobertas arqueológicas.

Contudo foi necessário que os arqueólogos, primeiramente, olhassem para os paredões rochosos a sua volta e não apenas para o sedimento dos sítios arqueológicos para poderem observar e estudar os grafismos rupestres. Apenas após a investigação e análise de um considerável número de sítios, começaram a surgir os primeiros avanços significativos em relação à interpretação dos grafismos.

Atualmente, não cabe mais o estudo dos grafismos rupestres isolado do contexto arqueológico. Estes fazem parte do universo simbólico dos mesmos grupos que lascavam o sílex, ou que enterravam seus mortos. Devem, portanto, ter o mesmo valor arqueológico e serem interpretados em seu contexto.

Em uma síntese dos estudos sobre os grafismos rupestres do Brasil, Prous (1992) expõe que entre as décadas de 1970 e 1990, os estudos sobre grafismos rupestres no Brasil se dedicaram muito mais à descrição e a organização dos dados empíricos do que mesmo à teoria. Devido à extensão territorial e a grande quantidade de grafismos rupestres pareceu necessário inventariar, classificar e buscar datações.

A dificuldade da associação dos grafismos rupestres com as demais evidências arqueológicas, assim como estudos pouco confiáveis de descrição e associação entre os registros rupestres e registros etnográficos, fizeram com que os grafismos rupestres assumissem uma posição periférica em relação aos demais vestígios arqueológicos no Brasil.

Mas, foi a determinação de alguns grupos de pesquisadores que, voltados ao estudo da



identificação e descrição dos critérios de classificação das tradições rupestres, inseridas, em contexto teórico particular, fizeram com que a visão de vestígio periférico se diluísse cada vez mais e os grafismos rupestres pudessem ser estudados e considerados vestígios documentais de grupos humanos, passíveis de serem estudados tanto quanto os fragmentos cerâmicos e materiais líticos.

O estudo de grupos pré-históricos requer uma cooperação interdisciplinar necessária para alcançar não apenas a cultura material, mas também compreender em que ambiente social estas se desenvolveram. Para avançar nas discussões sobre grafismos rupestres, faz-se necessário esse mesmo posicionamento interdisciplinar, a fim de poder contextualizar os autores do registro e o ambiente onde se realizaram os grafismos rupestres.

Um problema imposto atualmente para os grafismos rupestres em geral é a contextualização destes com os demais elementos da cultura material pré-histórica e os poucos dados cronológicos. A escassez de dados de contextualização cronológica e associação cultural têm dificultado a identificação de autorias sociais subjacentes às práticas gráficas pré-históricas. Portanto, o mesmo problema se impõe às pinturas de contorno aberto para a identificação de identidades e autorias culturais.

Cientes dessas dificuldades pesquisadores têm buscado uma maior sistematização na coleta de dados e um refinamento nos aportes metodológicos que buscam segregar elementos similares e diferentes passíveis de observação no significante gráfico.

GRAFISMOS DE CONTORNO ABERTO

As figuras de contorno aberto foram mencionadas ainda nas primeiras classificações dos grafismos da Área Arqueológica Serra da Capivara (Guidon, 1984a). Naquele momento já se discutia o caráter diferenciado de seu contorno em relação aos demais grafismos da região e o pouco número desse tipo de representação, presentes na área (Guidon, 1984; Pessis, 1987, 2003; Morales, 2002).

A estrutura de contorno aberto em grafismos rupestres aparece em várias regiões do mundo e não estão restritas apenas às pinturas, estão presentes também nas gravuras rupestres.

No Brasil, as figuras de contorno aberto não se limitam a Área Arqueológica Serra da Capivara³, aparecendo também em número pequeno nas demais áreas arqueológicas do Brasil, sobretudo no Planalto Central (Lapó e Tibagi – PR) e no Médio São Francisco



(Lapa do Caboclo-MG). Essas figuras não foram ainda estudadas de forma segregada nessas tradições, fazem parte de um conjunto de caracteres que foram utilizados para definir as tradições e estilos.

Para viabilizar o estudo das pinturas de contorno aberto é necessário antes restringir o espaço e as condições que as pinturas devem satisfazer para serem consideradas de contorno aberto.

As figuras de contorno aberto apresentam um contorno simples, com extremidades não completas, através do qual o objeto mesmo não completamente contornado pode ser compreendido. As linhas de contorno são regularmente fortes e precisas, definindo a figura a partir de poucos traços contínuos. O movimento dado ao traço é também diferenciado, são em geral movimentos longos, que marcam o perímetro da figura deixando-o aberto em alguns pontos de sua extremidade.

O problema concernente à pesquisa proposta, diz respeito à segregação e classificação desse tipo de pintura a fim de poder caracterizar os perfis gráficos das figuras de contorno aberto e o estabelecimento preliminar das relações gráficas entre essas figuras.

234



Figura 1: Sítio Toca do Arapuá do Gongo. Figura de contorno aberto, zoomorfos.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O projeto inicial desta pesquisa teve como proposta a caracterização das pinturas de contorno aberto presentes na área do Parque Nacional Serra da Capivara.

Para atingir esse objetivo a primeira disposição metodológica adotada foi trabalhar com uma amostra de sítios inseridos em uma mesma unidade ambiental – Parque Nacional Serra da Capivara. A escolha da Área Arqueológica Serra da Capivara para se trabalhar esse tipo de grafismo se justifica por:

- Ser uma área geograficamente pequena e com um histórico de pesquisas;
- Possuir uma grande densidade de sítios arqueológicos já cadastrados e estudados;
- Ter uma presença de um número considerado de pinturas e gravuras rupestres com variedade morfo-técnica e com contrastadas diacronias relativas;
- Ter estudos aprofundados em relação às subtradições e estilos;
- Apresentar um número expressivo de figuras de contorno aberto.

Segundo Martin (1999) esta medida se faz necessária quando se objetiva praticar a “arqueologia de áreas”, isto é, uma linha de pesquisa arqueológica que visa um estudo sistemático do meio ambiente (unidade paleo-ambiental), considerado como variável adaptativa integrada ao contexto arqueológico.

Este contexto não está manifesto em um único sítio, mas sim, no conjunto de relações entre os registros arqueológicos de vários sítios inseridos num mesmo bioma. Nesta perspectiva, a área do Parque Nacional Serra da Capivara, considerada uma unidade ecológica ou paleoecológica, que apresenta concentração de sítios, torna-se a unidade arqueológica, ao contrário da “arqueologia de sítio” cuja unidade analítica é um sítio estudado de forma isolada.

À medida que se aprofundam os estudos sobre grafismos rupestres em uma área arqueológica, surgem novas questões em relação aos padrões de similaridade, contraste e diferenças existentes no interior das classes preliminares.

A presente pesquisa faz parte dessas novas questões oriundas das classificações preliminares, que enquanto categoria de entrada permite a identificação de elementos gráficos e o avanço para caracterizações mais particulares.

Os grafismos de contorno aberto estão atualmente inseridos no Complexo Estilístico Serra da Capivara, a primeira preocupação foi identificar dentro desse conjunto padrões de semelhanças e diferenças e a partir daí identificar perfis gráficos.

Uma segunda preocupação foi a sistemática de coleta e processamento de dados. Para tanto, criou-se um protocolo de registro e análise aplicado, indiscriminadamente, às fontes documentais e aos sítios.



Inicialmente, a pesquisa deparou-se com o problema do reduzido número de sítios, pois após o levantamento documental foi possível identificar 24 sítios que possuíam grafismos de contorno aberto, reunindo um total de 63 figuras. O número reduzido de grafismos de contorno aberto foi considerado aqui mais um elemento diferenciador para essa prática gráfica no Parque Nacional Serra da Capivara.

A partir da identificação desses sítios deu-se início à prospecção que visava o levantamento imagético dos sítios e o levantamento do contexto da área arqueológica e do entorno desses sítios. O processo de levantamento de dados sobre as pinturas de contorno aberto foi orientado no sentido de observar as manifestações de similaridades e diferenças no interior do conjunto de grafismos de contorno aberto.

O estudo dos grafismos rupestres na área arqueológica Serra da Capivara vem sendo orientado a partir do estabelecimento de níveis de análises (Pessis, 1984; Guidon, 1985), que tem o objetivo de, a partir da seleção de caracterizadores morfo-técnicos, avançar no conhecimento sobre os grupos autores dos grafismos rupestres na região.

Para o estudo da primeira dimensão do problema dessa pesquisa, a caracterização das figuras de contorno aberto, foi necessário estabelecer níveis de hierarquização e convergência a fim de evidenciar a sucessão de etapas, facilitar o controle dos dados e alcançar os objetivos dessa pesquisa.

A ferramenta básica adotada para identificação e sistematização destas relações designativas da identidade gráfica é denominada perfil gráfico (Pessis, 1993). Trata-se de uma estruturação sistêmica de atributos flexíveis (categorias de entrada⁴), hierarquizados segundo menor grau de ambigüidade, orientados, em linhas gerais, no sentido de segregar as características próprias do acervo gráfico (marcadores de identidade) de uma determinada área.

Os perfis gráficos das figuras de contorno aberto foram buscados a partir de elementos cognitivos e analíticos, estabelecidos no fenômeno gráfico. Esses elementos são:

1. Temática - relativas aos elementos cognitivos essenciais para o reconhecimento dos grafismos;
2. Cenográfica - referentes ao agenciamento e isolamento das unidades no espaço gráfico, suas dimensões e disposições espaciais e geomorfológicas, estabelecidos a partir de análises morfométricas;
3. Técnica - relativos aos procedimentos técnicos de execução do grafismo rupestre.



O perfil gráfico, neste caso, é apenas um instrumento metodológico que permite sistematizar os dados, é um instrumento de comparação entre as estruturas temáticas, cenográficas e técnicas onde são analisados os elementos caracterizadores em um nível quantitativo e qualitativo.

Em modelo formal pode ser definido um perfil gráfico como uma estrutura caracterizada por elementos temáticos, cenográficos e técnicos, organizados segundo regras de hierarquia.

Nesta perspectiva cada variável deve ser compreendida dentro de sua relação com outras variáveis e as formas com as quais se organizam entre si para identificar um perfil.

Cada uma das classes componentes do fenômeno gráfico foi trabalhada separadamente e dividida em subclasses a fim de segregar os dados para que cada figura tenha caracterizadores morfo-técnica-temáticos e que por suas características de semelhanças e diferenças possam ser agrupadas posteriormente em conjuntos distintos.

PERFIL GRÁFICO DAS PINTURAS DE CONTORNO ABERTO DO PARQUE NACIONAL SERRA DA CAPIVARA

Na base de todos os trabalhos arqueológicos se encontra a necessidade de classificar e formar categorias. Hodder (1990) levanta a problemática acerca de se estas classificações são nossas ou dos grupos pré-históricos, se são éticas ou émicas. Essa problemática é mais acentuada quando se trabalha com grafismos rupestres.

O caráter fragmentário, com marcado hermetismo, impossibilidade de correlações étnicas com populações vivas, escassez de datações e dificuldade de correlações com outros elementos da cultura material, atenuam ainda mais a adoção de tipologias exatas que garantam atingir os grupos autores.

Mas a adoção de um *corpus* metodológico capaz de quantificar e comparar perfis, abarcando elementos contextuais e caracterizadores de semelhanças e diferenças, normas e variações, pode levar a uma maior aproximação de padrões gráficos.

É necessário ressaltar, porém, que diferentes apresentações gráficas não significam necessariamente diferentes grupos culturais. Observações etnológicas têm levado a perceber que um mesmo grupo pode praticar dois estilos de grafismos rupestres, cada qual relativo a um contexto particular. As diferenças gráficas podem assim serem também contextuais e funcionais dentro de um mesmo grupo cultural.



A sustentação da ordenação sucessória entre estilos ou tradições rupestres não está estabelecida por evidências arqueológicas *per se*, mas no modo como os pesquisadores as interpretam. Tem-se lançado ao estudo dos registros gráficos um olhar que tende a interpretar superposições associadas a mudanças temático-estilísticas como ruptura cultural.

A criação de novos estilos sem o estudo exaustivo dos grafismos rupestres de uma área arqueológica pode resultar em uma categoria fechada de classificação e mascarar diversidades existentes no interior dessa classificação. Os dados até então estudados sobre a apresentação gráfica dos grafismos de contorno aberto, o contexto dos sítios que possuem essas representações e a associação entre os grafismos rupestres de contorno aberto e os demais vestígios e cronologias disponíveis na área do Parque Nacional Serra da Capivara não permitem, até o momento, inferir sobre a caracterização de um novo estilo.

Esse intercâmbio de dados caracterizadores dos grafismos, somados a uma revisão da documentação sobre os estilos característicos da Área do Parque Nacional Serra da Capivara permitiu definir não um estilo de grafismos de contorno aberto, mas o perfil gráfico dessas figuras.

238



Apesar da diversidade gráfica observada no interior dos grafismos de contorno aberto, a partir do ordenamento e correlações dos caracterizadores sugeridos na metodologia, a apresentação gráfica desse tipo de grafismo pôde ser particularizada.

Entre os caracterizadores gráficos observados nos grafismos de contorno aberto está o isolamento das figuras, apesar de possuírem certo dinamismo, estes grafismos não formam cenas e apresentam-se de forma geralmente individualizada no painel. Neste ponto, se assemelham aos grafismos do Estilo Serra Branca, divergindo significativamente dos grafismos caracterizados como Estilo Serra da Capivara, nos quais se percebe movimentos e encenações claramente reconhecíveis.

O caráter narrativo, permitindo que o observador reconheça a identidade do representado está presente nesses grafismos, mas esse mesmo caráter se perde dando lugar a um caráter hermético quanto à identificação de ações.

O espaço ocupado na mancha gráfica por essas figuras é relativamente pequeno, se restringe à própria figura, sem apresentar composições com outros tipos de grafismos. Nas raras composições, não foram observados grafismos emblemáticos da tradição Nordeste nos grafismos de contorno aberto.

Apesar de aparecerem em geral em manchas gráficas com grande densidade pictórica,

poucos grafismos de contorno aberto estão superpostos a outros tipos de grafismos, no entanto o contrário é observado com mais frequência. Um elemento importante a ressaltar no que se refere à morfologia do corpo e as superposições é a dominância de grafismos de morfologia retangular de contorno aberto sob grafismos do estilo Serra da Capivara.

Existe maior dominância de figuras zoomorfas, que são em sua maioria muito simples, constituída apenas dos elementos essenciais para o seu reconhecimento. Dominam as representações de cervídeos, assim como nos estilos Serra da Capivara e Serra Branca. Nas figuras antropomorfas existe certo rebuscamento de componentes no preenchimento interno, se assemelhando à ornamentação de antropomorfos característicos do estilo Serra Branca.

A definição do gênero, a partir de traços de identificadores sexual, é marcante nesses grafismos, aparecendo nos antropomorfos (masculinos) e também nas representações de cervídeos, através da presença ou ausência dos cornos.

Como as figuras em sua maioria estão representadas de forma isolada, a profundidade representada em relação ao conjunto de figuras não é percebida, salvo no sítio Toca do Angelim do Barreirinho, onde pode ser observado como os grafismos se comportam no espaço, dando idéia de profundidade.

A reprodução de movimento pode ser observada nos diferentes planos (horizontais e oblíquos) ocupados pelos membros inferiores, característica também melhor observada nos cervídeos. O forte dinamismo presente nas representações de grafismos do Estilo Serra da Capivara estão ausentes nos grafismos de contorno aberto.

Os grafismos de contorno aberto apresentam também certa economia em relação à quantidade de traços formadores da figura, a seletividade de traços que sugerem a imagem é perceptível. A figura não necessita do contorno total para seu reconhecimento. Em algumas figuras de contorno aberto da região franco-cantábrica, observa-se que essas, se assemelham a embolsos, como se fossem elaboradas de forma rápida. No conjunto de figuras de contorno aberto observadas no Parque Nacional Serra da Capivara a economia de traços não sugere uma figura esboço e sim uma figura bastante trabalhada, com preenchimentos internos e utilização de bicromia.





Figura 2: Sítio Toca do Estevo III, figura de contorno aberto, zoomorfo.

240



As cores predominantes nos grafismos de contorno aberto são as mesmas evidenciadas nos Estilos Serra da Capivara e Serra Branca. O vermelho é majoritário no contorno e o amarelo e o branco dominam o preenchimento.

Não foram observadas muitas técnicas de tratamento do suporte, no entanto, algumas figuras parecem ter sido primeiramente esboçadas em tonalidade branca ou amarela e posteriormente contornadas. Alguns grafismos de contorno inacabado podem ser representativos dessa ação. Esse tipo de encenação pode revelar um aprimoramento do instrumental gráfico. A abertura do contorno é evidenciada sempre nas extremidades (cabeça, membros e cauda). Os caracterizadores expostos acima definem os padrões dos grafismos de contorno aberto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi o de testar uma construção metodológica e procedimentos analíticos e aplicá-los a um tipo de grafismo recorrente na área do Parque Nacional Serra da Capivara a fim de caracterizá-los. Os dados apresentados para esse conjunto gráfico, inicialmente classificados dentro do Complexo Estilístico Serra Talhada, mostram que o conjunto de figuras de contorno aberto comporta-se como um perfil gráfico,

podendo ser segregado do complexo estilístico.

O perfil gráfico levantado não seria necessariamente indicador de distintas identidades gráficas. Pode-se, em vez disso, estar lidando com um mesmo horizonte cultural cujas funções gráficas são distintas.

Observa-se que os grafismos de contorno aberto expressam, a partir de seus caracterizadores, uma mudança na estrutura da apresentação gráfica em relação aos demais grafismos caracterizados na Área do Parque Nacional Serra da Capivara, porém os aspectos cenográficos apresentam grande diversidade apresentando um comportamento gráfico semelhante ao dos estilos identificados na área.

As pinturas de contorno aberto do Parque Nacional Serra da Capivara, apresentam-se, portanto, como um novo conceito da imagem gráfica, onde a figura é desenhada de forma incompleta, com efeito visual completo, embora de caráter hermético.

Agradecimentos

Este trabalho é um resumo da tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da UFPE, em 2010, sob a orientação da Professora Anne-Marie Pessis, com apoio financeiro do CNPq.

Daniela Cisneiros

Departamento de Arqueologia, UFPE

danielacisneiros@yahoo.com.br



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GUIDON, Niède. 1984a. *L'art rupestre du Piauí dans le contexte sudaméricain. Une première proposition concernant méthodes et terminologie*. Paris, Université de Paris I, Panteón-Sorbonne,

GUIDON, Niède. 1984b. Reflexões sobre o povoamento da América. *Dédalo*, n.23. São Paulo, p. 153 -162.

GUIDON, Niède. 1985. A arte Pré-histórica da Área de São Raimundo Nonato, Piauí: síntese de dez anos de pesquisa. *Revista Clio - Série Arqueológica*. Recife. p.3-80.

HODDER, Ian. 1990. Style as historical quality. In: *The uses of style in archaeology*. CONKEY, M. & CHASTORF, C. (org). New York: Cambridge University Press, P. 44-51.

242



MARTIN, Gabriela. 1999. *Pré-História do Nordeste do Brasil*. Recife: Ed. Universitária da UFPE.

MORALES JUNIOR, Reinaldo. 2002. *The Nordeste Tradition: Innovation and continuity in Brazilian Rock Art*. Doctor of Philosophy at Virginia Commonwealth University. 269p.

PESSIS, Anne-Marie. 1984. Métodos de interpretação da Arte Rupestre: análises preliminares por níveis. *Revista Clio – Série Arqueológica*. Recife, v. 1. p. 99-108.

PESSIS, Anne-Marie. 1987. *Art rupestre préhistorique: Premiers registres de la mise en scene*. Tese (doutorado de Estado) - Université de Paris X – Nanterre.

PESSIS, Anne-Marie. 1993. Registros rupestres, perfil gráfico e grupo social. *Revista Clio – Série Arqueológica*, Recife, n. 9, p. 7-14,

PESSIS, Anne-Marie. 2002. Do estudo das Gravuras rupestres Pré-históricas no Nordeste do Brasil. *Revista Clio – Série Arqueológica*. n. 15, p. 29-44.

NOTAS

¹ Em sua acepção mais geral a comunicação designa o processo de intercâmbio de uma mensagem entre um emissor e um receptor. No qual codificação e decodificação da mensagem são unívocas e, onde o receptor tem a possibilidade de garantir a regulação da transmissão.

² O termo sugerido, por Guidon, (1984), contorno aberto diz respeito principalmente a técnica de execução, os contornos e linhas que delimitam a figura não se fecham. Os contornos são os delineadores da figura, asseguram sua forma e movimento.

³ Na área do Parque Nacional Serra da Capivara há um domínio significativo das figuras totalmente fechadas. As figuras de contorno aberto apresentam-se em número bastante reduzido.

⁴ Classe de dados que permite aceder a um sistema classificatório preliminar

